

LIBERDADE DE GÊNERO: ANÁLISE DE VIVÊNCIAS TRANS EM UM PROGRAMA DA MÍDIA TELEVISIVA.

Thais Geraldo Oliveira de Aguiar (Autora); Raquel Pereira Quadrado (Orientadora).

Universidade Federal do Rio Grande – FURG thaisaguiar.furg@hotmail.com

Feminismos, Transfeminismos e Teorias de Gênero.

Resumo:

Neste trabalho analisamos alguns significados sobre vivências trans em um episódio da série Liberdade de Gênero, exibida no canal de televisão brasileiro por assinatura GNT. O episódio conta a história de Márcia, uma advogada bem-sucedida que nasceu na alta sociedade e se define como uma travesti lésbica. Entendemos esta série como um potente artefato cultural para reflexão acerca das vivências trans, dos gêneros e das sexualidades. Na série são apresentadas histórias de pessoas que não se identificam com o gênero designado para elas ao nascerem, negando qualquer determinismo biológico. Trazemos essa pesquisa a partir do campo teórico dos Estudos Culturais, na vertente pós-estruturalista de análise, destacando a importância das mídias na produção dos corpos e das sexualidades e também como produtora de saberes e conhecimentos sobre os sujeitos. Operamos com ferramentas da análise cultural para a análise do episódio, como metodologia.

Palavras-chave: Mídia televisiva; travesti; gênero, Estudos Culturais.

Apontamentos iniciais

Vivemos em um tempo caracterizado por uma revolução cultural, propiciada pelas instâncias que assumem no cotidiano da sociedade contemporânea as distintas formas de comunicação e informação (HALL, 1997). Diante disso, entendemos que as pessoas trans têm conquistado espaço nas mídias em geral, onde a temática da transexualidade, travestilidade e transgeneridade tem sido abordada em filmes, discutida em novelas, documentários e séries, problematizando a luta dessas pessoas por condições melhores para poderem viver como realmente elas são.

Fisher (2002) utiliza o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia” para dizer que a mídia e particularmente a televisão participa efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem a “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.

Trazemos essa pesquisa a partir do campo teórico dos Estudos Culturais, na sua vertente pós-estruturalista de análise, destacando o efeito das mídias na produção dos corpos e das sexualidades e

também como produtora de saberes e conhecimentos. Diante dessas discussões, o objetivo desse trabalho é analisar os discursos sobre as vivências trans de uma travesti lésbica, como a própria se denomina, em um episódio da série Liberdade de Gênero.

Estamos entendendo por travesti sujeitos que transformam seus corpos com o objetivo de aproximá-los daquilo que é dito (ou pensado) como feminilidade. De acordo com Pelúcio:

As travestis são pessoas que nascem com o sexo genital masculino (por isso a grande maioria se entende como homem) e que procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente sancionado como feminino, sem, contudo, desejarem extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos. Via de regra as travestis gostam de se relacionar sexual e afetivamente com homens, porém, ainda assim, não se identificam com os homens homo-orientados (PELÚCIO, 2006, p. 03-04).

Conforme Seffner e Reidel, as travestis vieram ao mundo para “jogar o gênero de cabeça para baixo” (2015, p. 452), pois as questões de gênero passam a ser questionáveis quando afirmam que não querem ser nem homem nem mulher, reivindicam a identidade travesti sem pensar num terceiro sexo.

Portanto, entendemos que o gênero é uma construção cultural, social, política que é atravessado por relações de poder e que está imerso em rede discursiva e que ao falar sobre essas travestilidade em um programa televisivo, são difundidos significados a respeito desses sujeitos que vão nos ensinando modos de ser e de entender as vivências trans, considerando que estes contêm pedagogias culturais.

Caminhos Metodológicos

A metodologia da pesquisa consistiu em analisar um episódio da série Liberdade de Gênero, dirigida e produzida pelo cineasta João Jardim, veiculada pela rede de TV fechada GNT e também na internet disponível na GNT play¹. No presente trabalho buscamos analisar as falas das entrevistadas sobre vivências trans, a partir da análise cultural.

De acordo com Rocha (2011), o que a análise cultural indica é o fato de que a televisão corresponde a um dos principais domínios na contemporaneidade através dos quais a cultura circula e é produzida. Dessa forma, entendemos que os programas televisivos, como a série Liberdade de Gênero, constituem potentes artefatos culturais a serem analisados, visto que possuem uma dimensão cultural, produzindo significados.

¹ Link para acessar os episódios disponíveis na GNT Play <https://globosatplay.globo.com/gnt/liberdade-de-genero/>

As análises culturais, de acordo com Wortmann (2007), visibilizam relações e aspectos que geralmente não são considerados em análises tradicionais, tais como aquilo que acontece no cotidiano das pessoas e que produzem efeitos em suas vidas. Trata-se de analisar práticas culturais considerando-as produzidas e imersas em relações de poder, constituindo formas interessadas de lidar com tais práticas.

Vivências trans: alguns olhares sobre a travestilidade de Márcia

O episódio analisado conta a história de Márcia, uma advogada bem-sucedida que nasceu na alta sociedade e se define como uma travesti lésbica. O episódio inicia mostrando cenas da entrevistada, colocando brincos, passando batom, vestindo saias e usando botas de salto alto. Saindo de um salão de beleza exibindo seu cabelo comprido devidamente escovado e suas unhas pintadas de vermelho. Dessa maneira, apropriando-se de indumentárias e adereços estéticos considerados do gênero oposto ao designado no seu de nascimento.



Fig 1 – Márcia.

Fonte: Imagem retirada da série Liberdade de Gênero.

Márcia inicia sua fala contando sobre suas lembranças da infância: *eu tinha uns 4 anos quando comecei a mexer nas coisas da minha mãe, era uma atração realmente que eu tinha pelas coisas dela e quando eu entrei na escola eu só ficava com as meninas*. Assim como conta a maioria dos(as) entrevistados(as) na série, o desconforto com as condutas, com o comportamento, e até com as brincadeiras do gênero estabelecido despertam muito cedo, desde a infância.

Isso se justifica porque quando um bebê nasce, junto com ele nasce um conjunto de expectativas sociais que são estabelecidas a partir de seu sexo biológico, isto é, desde pequenos(as)

somos ensinados(as) que o nosso sexo biológico determina nosso gênero e que dependendo do gênero determinado, é preciso cumprir com determinados papéis, condutas e comportamentos que são esperados dentro da nossa sociedade.

Bento aponta que:

O gênero só existe na prática, na experiência, e sua realização se dá mediante reiterações cujos conteúdos são interpretações sobre o masculino e o feminino em um jogo, muitas vezes contraditório e escorregadio, estabelecido com as normas de gênero. O ato de pôr uma roupa, escolher uma cor, acessórios, o corte de cabelo, a forma de andar, enfim, a estética e a estilística corporal, são atos que fazem o gênero, que visibilizam e estabilizam os corpos na ordem dicotomizada dos gêneros. Tanto os/as homens/mulheres biológicas se fazem na repetição de atos que se supõe sejam os mais naturais. (2014, p. 60)

Márcia afirma que com 13 para 14 anos os corpos das meninas que ela conhecia começaram a mudar e ela queria que acontecesse com ela, também, só que o seu corpo parecia caminhar para o “lado errado”, distanciando-se da imagem interior que tinha de si mesmo. No entanto, publicamente externava uma expressão extremamente masculina, até agressiva, para se enquadrar ao padrão de gênero. Para Bento, não existe uma forma mais verdadeira de ser mulher ou homem, mas configurações de práticas que se efetivam mediante interpretações negociadas com as idealizações do feminino e do masculino. (BENTO, 2014) Conforme Rocha, no livro *Vidas Trans*, a própria:

Passou a levar uma “vida dupla”, entre o menino exageradamente macho e briguento exposto ao mundo, que frequentava escola e clubes caros, praticante de jiu-jitsu e capoeira, sempre com outros garotos por perto, e a pessoa que era por dentro das quatro paredes do seu quarto, que se sentia melhor usando maquiagem e salto alto, delicado, apaixonado e de bom coração. Lá ele podia simplesmente “ser” quem era sem precisar fingir ou performar um masculino que não o atraía absolutamente, ainda que não soubesse o que isso realmente significava. (2017, p.103)

Aos 13 anos de idade, ela conta que encontrou com uma travesti na rua e começou a indagar sobre a hormonização que a mesma fazia, a partir disso começou a tomar hormônios femininos e as mudanças no corpo foram aparecendo. O pai de Márcia, preocupado com as mudanças que visivelmente observava no filho, levou-o ao médico e ele teve que confessar sobre a prática que estava fazendo. Então, o médico explicou que Marcos² ficaria estéril se continuasse a fazer uso dos hormônios, e esse foi o argumento que o convenceu de atrasar a transição, visto que a vontade de ter filhos(as) era maior. Como aponta Seffner e Reidel:

Um dos artifícios essenciais na vida de uma travesti é iniciar o uso de hormônios. Com a hormonoterapia, as mudanças corporais se mostram mais visíveis e mais definitivas: os seios se desenvolvem, a silhueta se arredonda, a voz se afina e a quantidade de pelos, especialmente os da barba, do peito e das pernas, experimenta redução. A ingestão de tratamento hormonal parece ser a própria decisão de incorporar e dar publicidade à identidade travesti. (2015 p.152)

² Marcos é o nome masculino de Márcia.

Durante muitos anos, Márcia começava com a hormonização por uns seis meses, porque se sentia realizada com as mudanças que percebia em seu corpo, fazia a montagem e saía, mas logo parava pelo medo que sentia de ficar estéril. Ainda de acordo com Seffner e Reidel:

O corpo das travestis é, sobretudo, uma linguagem: é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeito. Assim, as travestis produzem e reproduzem em seus corpos os signos do feminino, numa ação que elas denominam de “montagem” e, nesta operação, utilizam roupas, adereços e lingerie femininas. Reconfigurando o próprio corpo e alterando o nome, esses sujeitos manipulam e reconstruem os gêneros, quebrando a ideia da existência de categorias binárias, fixas e imutáveis. (2015, p. 453)

Márcia conta sobre mais de um episódio em que ela está andando na rua e homens a abordam agarrando-a, querendo programa, confundindo-a com uma prostituta por ser travesti e se achando no direito de abusar dela. Destaca que essa é uma sensação que homem nenhum vai sentir ao sair na rua, a incerteza sobre se vai sobreviver ou não. Ainda hoje, ser travesti carrega esse estigma social, relacionado com a prostituição.

Guacira Louro traz essa questão quando diz que:

Aqueles e aquelas que transgridem as fronteiras de gênero ou sexualidade, que as atravessam ou que, de algum modo, embaralham e confundem os sinais considerados “próprios” de cada um desses territórios são marcados como sujeitos diferentes ou desviantes. Tal como atravessadores ilegais de territórios, como migrantes clandestinos que escapam do lugar onde deveriam permanecer, esses sujeitos são tratados como infratores e devem sofrer penalidades. Acabam por ser punidos, de alguma forma, ou na melhor das hipóteses, tornam-se alvo de correção. Possivelmente experimentarão o desprezo ou a subordinação. Provavelmente serão rotulados (e isolados) como “minorias”. (2004, p. 87).

Ademais, Márcia coloca que o lado ruim em ter assumido a travesti que é, além do preconceito que sofre, foi o afastamento dos(as) amigos(as). Ela conta que todos(as) dizem adorá-la, mas, que a convivência se perdeu, os(as) “amigos(as)” não a convidam mais para sair ou para frequentar suas casas, mas ela enfatiza: *o lado bom é eu comigo, é eu ser eu.*

Algumas Considerações

Nas vivências de Márcia podemos observar que a incongruência com o gênero pode acontecer muito cedo e desde a infância a pessoa trans rompe com as expectativas sociais esperadas para o sexo biológico. Logo, a puberdade se torna uma fase difícil em que o corpo parece caminhar para o lado “contrário” da sua identidade e as mudanças tão esperadas para esse período não ocorrem como o esperado.

Além disso, percebemos que é no corpo que está inscrita a identidade travesti, perpassando as relações de gênero, justamente porque o binarismo de gênero não consegue dar conta da complexidade que é se identificar com o feminino, mas não ter aversão ao pênis e, pelo contrário, se relacionar bem com ele. Diante disso, atentamos para a importância da montagem para uma travesti, vemos que é nessa relação com os adereços considerados femininos que a travesti se constitui.

Em suas vivências, Márcia encontrou algumas dificuldades que adiaram a sua transição como a possibilidade de ficar estéril devido a hormonização, a vergonha que sentia da família e dos amigos. E ainda hoje, pós-transição, lidar com o preconceito e com o estigma social de ser travesti, segundo ela não é fácil, mas mesmo com todos os percalços no caminho, o desejo de ser quem é não foi vencido.

Márcia diz que tem gente que fala assim: *Não fala que você é travesti porque pega mal. Eu digo: Falo! Com todo orgulho. Porque uma travesti de 50 anos é uma vitoriosa, guerreira é uma sobrevivente. É muito difícil alguém dar uma oportunidade para uma pessoa trans. Eu sou empresária, falo três línguas, sou formada pela PUC em Direito.* Porém, ela tem plena consciência de que se aos 13 anos, quando ela pensou em “sair do armário”, tivesse se assumido, ela não teria e nem seria nada do que é hoje. E poderia ser mais uma morta por conta de estar usando a roupa errada.

Fisher (2013, p.146) coloca que “estamos sempre diante de uma concepção de discurso como luta: luta pela imposição de sentidos, pela interpelação de sujeitos, pela conquista de voz”. Nesse contexto, refletimos o quanto isso se relaciona com os discursos que neste artigo analisamos, discursos permeados de lutas e batalhas de uma travesti, que enfrenta tantas barreiras para poder ser quem é.

Referências

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Gramind, 2006.

_____. *O que pode uma teoria? Estudos Transviados e a Despatologização das Identidades Trans*. In: Florestan, n. 2, p. 46, 2014.

FISHER, Rosa Maria Bueno. Foucault. In.: OLIVEIRA, Luciano Amaral (Org.). *Estudos do discurso: perspectivas teóricas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 123-151.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções do nosso tempo. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

LOURO, Guacira. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PELÚCIO, Larissa. Três Casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 14, n. 2, 2006.

ROCHA, S. M. Os estudos culturais e a análise cultural da televisão: Considerações teórico-metodológicas. *Rev. Interamericana de Comunicação Midiática*, Santa Maria, v.10, n.19, sem. 2011.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

SEFFNER, Fernando; REIDEL, Marina. Professoras Travestis e Transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 2, p. 445-464, 2015.

WORTMANN, Maria Lúcia. Análises Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90